



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE  
Curso de Graduação em Pedagogia**

**JAQUELINE GRACIANO DA SILVA**

**A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL: a sala como ambiente de interações e  
experiências**

**Rio de Janeiro/RJ  
Agosto/2017**

**JAQUELINE GRACIANO DA SILVA**

**A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL: a sala como ambiente de interações e  
experiências**

Monografia apresentada ao Curso de  
Graduação em Pedagogia da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
como requisito parcial à obtenção de  
grau do título de Licenciatura Plena em  
Pedagogia.

Disciplina: Orientação Monográfica

Orientadora:  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Deise Arenhart

**Rio de Janeiro/RJ  
Agosto/2017**

**JAQUELINE GRACIANO DA SILVA**

**A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL: a sala como ambiente de interações e  
experiências**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em  
Pedagogia da Universidade Federal do Rio de  
Janeiro, como requisito parcial à obtenção de grau do  
título de Licenciatura Plena em Pedagogia.  
Disciplina: Orientação Monográfica.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/2017.

BANCA EXAMINADORA

---

Profª Drª. Deise Arenhart  
Orientadora

---

Profª Drª Daniela de Oliveira Guimarães

---

Ma. Rafaela Louise Silva Vilela

*Dedico esse trabalho a minha amada  
família, meu porto seguro.*

# AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo seu cuidado e amor por mim e por me abençoar com mais essa conquista;

Ao meu tão amado filho, Luccas, que com a sua chegada se tornou a minha maior motivação para concluir esse sonho e que é razão dos meus dias felizes;

Ao meu querido esposo, Eduardo, por toda compreensão, incentivo, por estar ao meu lado em todos os momentos, tornando possível a concretização desse sonho para a nossa família;

À minha mãe, por todo seu amor e apoio nas horas que mais precisei;

À Sandra, minha sogra, por ter se tornado uma segunda mãe e com todo o seu amor, carinho e generosidade ter cuidado do meu filho juntamente com a minha mãe para que eu pudesse concluir essa graduação;

À Josiméia, minha amiga e companheira dessa trajetória na UFRJ, por compartilhar comigo tantos momentos que ficarão guardados por mim e principalmente por me escutar nos momentos de angústia e inseguranças durante a construção desse trabalho;

À Deise, minha orientadora querida, por toda a sua compreensão, paciência e orientação, por me auxiliar na construção desse trabalho dividindo comigo o seu valioso conhecimento;

Às professoras que aceitaram participar das entrevistas e se tornaram parte importante dessa monografia;

Às crianças e professoras do meu estágio de Educação Infantil na Escola de Educação Infantil da UFRJ, por me proporcionarem vivências enriquecedoras e potencializar a minha paixão pela Educação Infantil,

A todos os professores da UFRJ que contribuíram para a minha formação acadêmica;

Enfim, a todos os amigos, colegas e familiares que passaram por essa caminhada, dividindo experiências e conhecimentos.

Obrigada a todos!

*“Anda, corre, pula, salta, escorrega, sobe, desce, empurra, puxa, pendura-se, rola, engatinha, deita, senta, cai, espia, trepa, rasteja, pega, lança, dança,... Logo depois, tudo de novo... A vida na creche é marcada pelo movimento; movimentar-se para as crianças é comunicar-se, expressar-se, interagir com o mundo; é uma forma de linguagem; é explorar e conhecer o mundo e o próprio corpo, seus limites e possibilidades.”*

(AGOSTINHO, 2003, p. 10)

## Resumo

SILVA, J. Graciano da. **A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: a sala de referência como ambiente de interações e experiências.** Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

A presente monografia tem o objetivo central de compreender a importância da organização das salas de referências na Educação Infantil de uma creche municipal do Rio de Janeiro. Como procedimento metodológico contou com a revisão e análise literária e aplicação de entrevistas semi-estruturadas, para compreender as concepções dos professores sobre a organização do espaço na Educação Infantil. Dialogamos com Agostinho (2003), Arenhart (2012), Barbosa (2006), Cerisara (1999), Fortunati (2009), Guimarães (2006), Oliveira (2012) e Tiriba (2008) para contextualizar a organização dos espaços de convivência. Foi possível constatar que o adulto é quem organiza o espaço e decide como as crianças devem explorá-lo e que a maneira como o espaço é organizado e trabalhado, contextualizado pelas entrevistadas, sugere um controle sobre as ações das crianças, o que não contempla as interações e brincadeiras que são os eixos principais na Educação Infantil.

Palavras chaves: Organização do espaço, sala de referência, professor, Educação Infantil.

## **SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO .....	1
<b>CAPÍTULO 1 – A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO PARA A INFÂNCIA .....</b>	<b>3</b>
<b>1.1 A EDUCAÇÃO INFANTIL NA LEGISLAÇÃO .....</b>	<b>3</b>
<b>1.2 A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 2 – O OLHAR DOS DOCENTES SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA .....</b>	<b>14</b>
<b>2.2 DIALOGANDO COM OS PROFESSORES SOBRE SUAS CONCEPÇÕES E PRÁTICAS EM RELAÇÃO A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO .....</b>	<b>18</b>
<b>2.2.1 O espaço como provocador e mobilizador de experiências X o espaço como controlador e marcador da rotina .....</b>	<b>19</b>
<b>2.2.2 A relação com o espaço arquitetônico e o espaço construído .....</b>	<b>24</b>
<b>2.2.3 Fatores que inspiram a organização do espaço .....</b>	<b>27</b>
<b>2.2.4 A (falta de) autonomia do professor na organização do espaço .....</b>	<b>31</b>
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	33
REFERÊNCIAS: .....	35





## INTRODUÇÃO

Esta monografia pretende compreender como a organização do espaço é entendida por professoras que atuam na Educação Infantil de uma creche municipal do Rio de Janeiro. Interessa-nos saber como pensam a organização da sala, de maneira que contribua para o desenvolvimento integral das crianças, possibilitando interações e experiências significativas.

O modo como o espaço da sala está organizado pode traduzir uma concepção de infância, de entender o seu desenvolvimento e qual o papel do educador naquele espaço. As diferentes formas de organizar os ambientes para o desenvolvimento das atividades das crianças pequenas, traduzem os objetivos, as concepções e as diretrizes que os adultos possuem com relação as novas gerações e às suas ideias pedagógicas. Os cenários onde as experiências físicas, sensoriais e relacionais acontecem é um importante ato para a construção de uma pedagogia da Educação Infantil, (BARBOSA, 2006).

O interesse pelo tema surgiu no meu estágio obrigatório em Educação Infantil, onde pude presenciar uma organização do espaço que era pensada e construída para e com os bebês. Esse interesse ampliou-se quando fui convocada para trabalhar em uma creche na rede municipal da cidade do Rio de Janeiro quando me deparei com uma sala que só tinha armários, mesas e cadeiras.

Ao conversar com algumas professoras, da creche onde trabalho, sobre o tema que seria abordado na construção desse trabalho, me pareceu que a organização do espaço era entendida por elas, como uma arrumação do espaço no sentido fixo que essa denota e não como elemento mobilizador de experiências das crianças, como componente da ação pedagógica do professor.

Essa percepção despertou a curiosidade de entrevistar essas docentes para entender suas concepções e experiências sobre o assunto.

Esse conjunto de situações, motivou a busca por saber qual é o papel do professor ao pensar a organização do espaço da sala de referência para as crianças, de maneira que esta possibilite experiências significativas às crianças da Educação Infantil.

A resolução CNE/CEB nº 5 de 2009 expõe que as instituições de Educação Infantil são espaços que educam e cuidam de crianças pequenas a partir de propostas pedagógicas prevendo a organização de materiais, espaços e tempos visando garantir a educação das crianças de forma integral, respeitando suas especificidade e a infância. Portanto a organização do espaço deve contar com ambientes que propiciem a brincadeira e as interações tornando um lugar de alegria, de partilha, de escuta, cuidado, respeito e valorização ao outro.

Sendo assim, esse estudo é importante para compreender como está sendo organizado o espaço físico da sala e entender as práticas e concepções presentes nessa organização. Para isso pretende-se responder algumas questões: como a Educação Infantil tem sido pensada na contemporaneidade? O que os professores pensam sobre a organização do espaço físico da sala? Qual a importância da organização do espaço físico da sala de referência para a Educação Infantil? A partir de que interesses os professores organizam o espaço da sala de referência? De que maneira as crianças se apropriam desses espaços?

Diante dessas questões esse estudo pretende compreender e analisar as concepções dos professores, e como eles realizam a organização do espaço, e será norteado pelos seguintes objetivos específicos: entender de que maneira as salas de referência podem ser organizadas, visando contribuir com experiências e interações significativas para as crianças da Educação Infantil; e compreender qual é o papel do professor na organização das salas de referências.

Esta pesquisa é qualitativa e utilizou como procedimentos metodológicos revisão e análise literária e aplicação de entrevistas semi-estruturadas para compreender as concepções dos quatro professores entrevistados sobre a organização do espaço na Educação Infantil.

O estudo está dividido em dois capítulos. No primeiro abordo o atual contexto da Educação Infantil, ressaltando o que os documentos oficiais têm proposto e o que esses documentos e alguns estudos têm sugerido sobre a organização do espaço na Educação Infantil. No segundo capítulo trago a metodologia do trabalho, o perfil dos professores entrevistados e a análise das entrevistas.

## **CAPÍTULO 1 – A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO PARA A INFÂNCIA**

Nesse capítulo pretendo situar brevemente o atual contexto da Educação Infantil, ressaltando o que os documentos oficiais têm proposto sobre essa etapa da educação básica e o que esses documentos e alguns estudos têm sugerido sobre a organização do espaço na Educação Infantil.

### **1.1 A EDUCAÇÃO INFANTIL NA LEGISLAÇÃO**

Para falar sobre Educação Infantil, é preciso entender como ela tem sido pensada na contemporaneidade e para isso, é necessário recorrer aos prescritos da legislação sobre a infância.

As crianças ao serem reconhecidas como detentoras de direitos a partir da Constituição de 1988 e reiterados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996 ao determinar a Educação Infantil como primeira etapa da educação básica, entendendo a sua singularidade. Mediante a isso, foram criados documentos orientadores que norteiam o trabalho pedagógico com os pequenos, dentre eles as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI).

Fica entendida por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, a criança como sujeito de direitos e que esta se desenvolve nas diversas interações que ela vai vivenciando no mundo social. As instituições devem oferecer às crianças vivências significativas, uma rotina agradável, acolhedora, desafiadora e interessante, atividades que favoreçam o seu desenvolvimento de maneira integral.

Essas legislações asseguram o direito da criança à educação desde o seu nascimento, destacando práticas de cuidados e educação próprios para a faixa etária da Educação Infantil que é de 0 a 5 anos e 11 meses. Entretanto, essa é uma conquista recente. Antes dessas deliberações, a Educação Infantil “tinha” um caráter assistencialista e compensatório, já que as creches e pré-escolas eram entendidas como um espaço onde as mães deixavam seus filhos para trabalhar. Predominavam nas instituições, ações assistencialistas, práticas sociais de modelo familiar, ou mesmo hospitalar.

As Instituições que trabalhavam supostamente numa perspectiva

educativa, traziam para as creches e pré-escolas um modelo de trabalho baseado nas escolas de Ensino Fundamental, como descreve Cerisara (1999). Desse modo, acontecia uma antecipação das Séries Iniciais do Ensino Fundamental na Educação Infantil, em que o cuidar e educar eram percebidos separadamente. A educação infantil não deve ser compreendida como ensino, antecipando práticas do ensino fundamental, mas como primeiro espaço de educação coletiva fora do contexto familiar. As práticas educativas devem objetivar a valorização das experiências cotidianas e seus processos de aprendizagens.

Enquanto a escola se coloca como espaço privilegiado para o domínio dos conhecimentos básicos, as instituições de Educação Infantil se põem, sobretudo com fins de complementaridade à educação da família. Portanto, enquanto a escola tem como sujeito o aluno e como objeto fundamental o ensino nas diferentes áreas por meio da aula; a creche e a pré-escola têm como objeto as relações educativas travadas no espaço de convívio coletivo, que tem como sujeito a criança de 0 a 6 anos de idade (ou até o momento que entra na escola).

(Rocha, apud CERISARA, 2004, p. 8-9)

Sendo assim a nova Pedagogia da Educação Infantil propõe que as crianças sejam tratadas como crianças e não como alunos, pois ser aluno implica em práticas escolares onde a criança precisa negar o corpo, cuja multidimensionalidade precisa ser esquecida, ou mesmo, controlada. É como se fosse possível negar a presença viva, real e autêntica das crianças (BRASIL, 2009). A criança tem um corpo que produz história e cultura, um corpo que é capaz de sentir, pensar, imaginar, transformar, inventar, criar e dialogar, contudo, elas necessitam se relacionar com outras crianças e adultos para tornarem-se sujeitos.

As instituições de Educação infantil devem ser vistas como espaços de infâncias. Não deve existir a ideia de infância homogênea, elas são vividas de formas diversas, cada criança vive um contexto diferente, ela faz parte da sociedade e reflete aquilo que vivencia em sua cultura.

Os aspectos cuidar e educar por muito tempo foram entendidos como ações separadas, o cuidar relacionado às práticas de cuidados com o corpo ou hospitalares e o educar ao cognitivo, práticas de ensino e aprendizagens de conteúdos. Para compreender a pedagogia da Educação Infantil é necessário

entender que o cuidar e educar devem ser vistos como atos indissociáveis.

Em primeiro lugar, o ato de cuidar ultrapassa processos ligados à proteção e ao atendimento das necessidades físicas de alimentação, repouso, higiene, conforto e prevenção da dor. Cuidar exige colocar-se em escuta às necessidades, aos desejos e inquietações, supõe encorajar e conter ações no coletivo, solicita apoiar a criança em seus devaneios e desafios, requer interpretação do sentido singular de suas conquistas no grupo, implica também aceitar a lógica das crianças em suas opções e tentativas de explorar movimentos no mundo. (BRASIL, 2009, p. 68)

[...] o ato de educar nega propostas educacionais que optam por estabelecer currículos prontos e estereotipados, visando apenas resultados acadêmicos que dificilmente conseguem atender a especificidade dos bebês e das crianças bem pequenas como sujeitos sociais, históricos e culturais, que têm direito à educação e ao bem-estar. (BRASIL, 2009, p. 69)

Acima coloco respectivamente concepções sobre cuidar e educar postas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2009), onde podemos concluir que as ações de cuidar e educar estão interligadas, os dois acontecem simultaneamente. Podemos pensar, como exemplo, o momento do banho, que é uma situação de rotina das crianças nas creches, esse é um momento onde a criança está interagindo com o adulto, dessa forma, ao mesmo tempo em que a criança está sendo cuidada, está também aprendendo por meio da interação que está acontecendo durante essa ação. Cuidar e educar abrange estudo, cooperação, dedicação, cumplicidade e o envolvimento de todos os responsáveis pelo processo que se desenvolve no contexto das instituições de Educação Infantil.

É por meio das interações e brincadeiras que as crianças vão vivenciando situações ricas de conhecimentos. A interação com outras crianças e adultos possibilita momentos de experiências significativas. Por meio das brincadeiras as crianças sentem e experimentam o mundo, aprendem, criam linguagens e vão construindo sua cultura. A brincadeira possibilita a criança significar e ressignificar o mundo a sua volta. Sendo assim, de acordo com as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), as interações e brincadeiras são os dois eixos que norteiam a prática pedagógica nessa etapa da educação, cabe ao professor, portanto, proporcionar as crianças

situações de brincadeiras dirigidas e espontâneas.

Por isso, conforme as Diretrizes – DCNs/09 - o currículo na Educação Infantil deve ter o foco na articulação das experiências e saberes das crianças, esse currículo deve ser voltado para o interesse da criança, visando as interações das crianças entre si e com os adultos de maneira a ampliar suas aprendizagens e relações sociais. Nessa etapa da educação não faz sentido um currículo estabelecido com listas de conteúdos obrigatórios, onde a prática pedagógica está centrada no saber do professor, esse currículo deve ser constituído antes de tudo pela iniciativa da criança, suas necessidades e seus interesses.

Existe uma preocupação com a formação dos profissionais da Educação Infantil, para que a mesma não seja oferecida com um caráter assistencial, tampouco, como antecipação das séries iniciais do Ensino Fundamental. Apesar dessa preocupação, podemos pensar que tais ações ainda acontecem. Então, é necessário que o profissional que vai atuar na Educação Infantil tenha uma formação voltada para a especificidade dessa etapa da educação como propõe a Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

O docente deve refletir diariamente sobre a sua prática, dialogando e debatendo com seus pares, as famílias e também com a comunidade, buscando ideias que o ajude nas situações diversas que surgirem ao longo do seu trabalho. Esses professores precisam ser sensíveis às necessidades pessoais das crianças, havendo uma parceria entre os professores e as crianças em todas as situações, e juntos pensarem maneiras para lidar com os conflitos que surgirem no cotidiano da Educação Infantil.

Numa concepção tradicional de Educação Infantil o professor é a figura que determina de que forma as atividades serão encaminhadas e as crianças deverão seguir esse “roteiro”. Além disso, as atividades geralmente são as mesmas para todas as crianças e todas as executam ao mesmo tempo da mesma maneira. Esse tipo de prática não valoriza a curiosidade das crianças, tampouco a considera como protagonista no seu processo de aprendizagem, já que os saberes são conduzidos e centralizados no professor. A concepção atual de Educação Infantil e de infância, explícita nas DCNs/09, propõe a descentralização do saber voltado para o professor, sendo assim, as crianças devem ser percebidas como sujeitos capazes de participar na construção do

planejamento das atividades.

A seguir, faço uma abordagem de como a organização do espaço nas Instituições de Educação Infantil, sobretudo das salas de referência, podem contribuir na descentralização da figura do professor, pois o espaço é um elemento importante na relação de aprendizagem, por isso é necessário planejá-lo, refletir sobre ele e aperfeiçoá-lo, de acordo com as demandas e necessidades das crianças.

## **1.2A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

A hipervalorização da racionalidade aconteceu entre os séculos XVII e XIX (TIRIBA, 2008,) mas até hoje encontradas nas escolas que enfatizam quantidade de propostas pedagógicas que transmitam conhecimentos necessários à formação para o trabalho. Neste caso, a mente prevalece às experiências com o corpo. De acordo com Tiriba (2008, p.4) “a escola assume a tarefa de higienizar o corpo, isto é formá-lo, corrigi-lo, qualifica-lo, fazendo dele um ente capaz de trabalhar. ”

Nessa perspectiva em que a mente é mais importante do que o corpo, as escolas têm proposto atividades com resultados pré-estabelecidos pelo docente, a partir da decisão dos adultos e não a partir da escuta dos interesses e demandas das crianças. Isso acaba impedindo as crianças de se expressarem e interagir com o meio para desenvolver suas emoções, descobertas, imaginação e criação. Mas, também acaba causando estafa nos professores por perderem muito tempo elaborando atividades predeterminadas e tentando aprisionar os corpos das crianças em cadeiras e mesas, disciplinando seu corpo, ditando o tempo de realizar as propostas ou o tempo necessário para cuidar do seu corpo.

O controle sobre o corpo favorece a atenção e a ordem, pretendida pelos docentes para alcançar os seus resultados. O que acaba por tornar a escola um lugar de sofrimento, por impedir que os pequenos construam conhecimento a partir de suas vivências e de acordo com o seu tempo.

Portanto, a escola que valoriza muito a mente desconsidera todo o potencial da criança, acaba indo na contramão de um projeto de Educação pautado numa ética da alegria e do cuidado (ESPINOSA; DELEUZE apud



TIRIBA, 2008) e como consequência estamos ficando doentes por conta de uma rotina de esforços mentais e inflexibilidade física como ressalta (TIRIBA, 2008). Isso porque é imposto às crianças o que parece correto para aos adultos que desacreditam na capacidade das crianças como sujeitos participativos e construtores de cultura. Segundo Guimarães (2006) há uma preocupação com quantidade e variedade de informações organizadas racionalmente, porque o que desejam saber é “como a criança representa a realidade em sua fala e ação.

Logo, a instituição de educação que se propõe a um projeto de valorização da mente prejudica as crianças e aos adultos de hoje e de amanhã que por ela perpassaram, tornando-os impotentes na criticidade, na imaginação e na criação.

Espinosa (apud TIRIBA, 2008, p. 8) diz que “o corpo e o espírito não estão separados, o que é ação no corpo é, necessariamente, ação na alma.” É necessária uma educação com as crianças que as considere como um ser integral proporcionando escolhas, permitindo movimentos que possibilite a busca de seus interesses e conseqüentemente ampliando suas experiências.

Para Palcos (apud TIRIBA, 2008, p.10) “a falta de liberdade de movimentos vai formando travas que impedem as crianças de fazer um crescimento harmônico”. Sendo assim, cabe à escola criar ambientes facilitadores da aprendizagem, tendo como finalidade romper as travas existentes para que a criança se sinta segura e confiante nas suas explorações e descobertas não somente durante a infância, mas a vida toda. (TIRIBA, 2008).

Por essa razão, as escolas que reconhecem a “cognição corporificada” são importantes, pois realizam uma educação em que o trabalho é pautado no desenvolvimento integral da criança, considerando “suas múltiplas dimensões: emocional, sensorial, motora, mental, sócio-afetiva.” Nessas instituições a educação está relacionada ao escutar a criança para uma organização do espaço que respeite o interesse e as especificidades delas (GUIMARÃES, 2006).

A maneira de organizar o espaço com cantinhos possibilita uma ampliação no repertório das crianças e nas suas manifestações. Mas para isso é importante ter o professor mediando essas descobertas, incentivando a

autoria e autonomia, propiciando variadas possibilidades de produzir sentido do mundo porque o que se preza nessa educação é o cuidado com o outro.

Guimarães (2006, p.68) relata que:

Fazer educação significa cuidar do outro, considerando-o como sujeito ativo e afetivo, que produz sentido sobre o mundo com suas ações corporais, sensoriais, e mentais, expressando-se de múltiplas formas, em permanente confronto e colaboração com o social no qual está mergulhado. Nesta perspectiva, educar é escutar o outro-criança, mobilizando ampliações de suas possibilidades de exploração do mundo.

A mesma autora que os espaços devem ter representações de mundo e materiais diversos para favorecer as experiências expressivas das crianças. Para entender a importância dos espaços para a manifestação das crianças podemos partir de três ideias italianas: a flexibilidade do espaço; a importância do espaço apoiar os relacionamentos das crianças; e o espaço como convite a ação, à imaginação e à narratividade.

A flexibilidade do espaço acontece porque as crianças dão diferentes sentidos para esse lugar, a partir das suas “experiências, relações e criações”. Mas para que seja um ambiente enriquecedor é necessário que tenha qualidades físicas, qualidades imaginativas e também disponibilizar oportunidades para acontecer sem que o tempo seja o determinante de tudo.

Guimarães (2006) diz que espaço como convite a ação tem a ver com os lugares e os objetos que proporcionam encontros favorecendo a expressividade. Em relação ao espaço como convite a ação, à imaginação e à narratividade está atrelado “qualidade evocativa dos materiais” (como potes, canos, luz artificial) disponibilizados para as crianças e as estratégias criadas.

Como já mencionado os espaços e sua qualidade de materiais, são importantes para serem atrativos, porém o professor ao mediar às relações possibilita que as criações sejam sustentadas e ampliadas. Sendo assim, a escola se torna um lugar interessante e pertencente às crianças quando são ouvidas e atendidas nos seus interesses. Podendo assim, explorar, confrontar, ressignificar suas ideias e pensamentos para futuras ações, dando novos sentidos ao mundo. É a qualidade dos espaços ofertados na sala e a mediação do professor que possibilita que as crianças se sintam seguras.

A organização do espaço tem se mostrado um campo importante na

Educação Infantil, isso porque a maneira como é construído possibilita perceber a concepção de infância que permeiam aqueles profissionais e o trabalho pedagógico realizado.

O modo como o espaço da sala está organizado pode traduzir uma concepção de infância de entender o seu desenvolvimento e qual o papel do educador naquele espaço. As diferentes formas de organizar os ambientes para o desenvolvimento das atividades das crianças pequenas, traduzem os objetivos, as concepções e as diretrizes que os adultos possuem com relação as novas gerações e às suas ideias pedagógicas. Os cenários onde as experiências físicas, sensoriais e relacionais acontecem é um importante ato para a construção de uma pedagogia da Educação Infantil, (BARBOSA, 2006).

A maneira como a sala está organizada reflete as ideias de educação que norteiam os professores, isso porque, é nesse espaço e como está ocupado, que é possível perceber o modelo de trabalho realizado com ou para as crianças. Portanto, é no espaço que encontramos ambientes que constitui o lugar de brincar, criar e recriar. É por meio dele que conhecemos as experiências partilhadas no grupo. Para as crianças pequenas a importância do espaço é ampliada quando se leva em consideração o tempo que ela fica nesses lugares, no caso, na instituição de Educação Infantil que ela frequenta. Tempo esse que geralmente é composto por uma jornada diária extensa, muitas vezes as crianças só voltam para casa ao final do dia.

Para ajudar a entender o que é espaço e lugar, utilizaremos a definição de Agostinho (2003) que apresenta o espaço como algo que se projeta ou se imagina e está sempre disponível e disposto para converter-se em lugar, para ser construído. Segundo essa autora, o lugar constrói-se a partir do fluir da vida, das relações que ali são travadas e a partir do espaço como suporte, ou seja, o espaço é algo projetado e o lugar é algo a ser construído e que está diretamente ligado ao pertencimento. O espaço se transforma em lugar a partir das construções e significações que os sujeitos dão para este.

Para Tuan (apud BARBOSA, 2006) estamos diretamente ligados ao ambiente. Um ambiente é espaço construído, que vai se definindo nas relações com os seres humanos por ser organizado simbolicamente pelas pessoas que são responsáveis pelo seu funcionamento e também por quem usa esse ambiente.

Lima (apud BARBOSA, 2006) diz que o espaço e ambiente são inseparáveis, porém são coisas diferentes. Ele explica que um mesmo espaço físico pode resultar em ambientes diferentes que é o que pensamos nesse trabalho. Para ficar mais claro, podemos pensar em uma sala que se divide em dois ambientes, o ambiente onde as crianças costumam dormir e o outro para os momentos mais ativos do dia. Nesses ambientes podem ser criados cantinhos diversos, que despertem a curiosidade das crianças. É interessante que os pequenos também participem da construção desses cantos de experiências conforme seus interesses. A organização do espaço deve ser pensada pelos adultos e crianças que são responsáveis pelo seu funcionamento.

Os ambientes que compõe a sala podem apresentar características que demarcam as ideias que permeiam os sujeitos responsáveis pela educação dessas crianças pequenas e, portanto, direcionam a importância que dão ou não a esse lugar como um outro educador que propicia relações e experiências entre crianças e crianças/adultos, a partir do contexto inserido. Gandini (apud BARBOSA, 2006) explica que o espaço é considerado na Educação Infantil, um elemento primordial, um outro educador. Esse espaço quando organizado e estruturado em arranjos se tornará desafiador e auxiliará na autonomia das crianças. As salas não devem ter uma organização padronizada, tem que estar ligadas à história e a identidade do grupo que constituem aquele lugar.

A disposição dos materiais e mobiliários no espaço físico mostra o direcionamento tomado pelo docente em suas práticas, podendo elas limitar ou ampliar as experiências dos pequenos, o que acaba favorecendo ou prejudicando as trocas e o bem-estar, que são determinantes para a autonomia e criatividade das crianças.

Fortunati (2009, p. 61) expõe que:

(...) a centralidade do adulto emerge em seus aspectos mais marcadamente negativos de diretividade, de verbalidade, de censura e de controle em cada situação em que só uma prática da disciplina pode – não sem cair em um paradoxo preocupante – acabar servindo de contrapeso à pobreza dos lugares que se compartilham para realizar as experiências, isso deveria nos levar a refletir sobre a escassa margem que ficará livre – neste caso – de tensões emocionais para as experiências, além do quanto será pobre o prazer que as crianças e os adultos poderão experimentar.

Ao contrário, proporcionar ao contexto um protagonismo relacional no que se refere às recíprocas expectativas entre ambos, ativando um círculo virtuoso de trocas em que uma condição geral de bem-estar pode abrir o campo do prazer da experiência.

Diante disso, o autor continua dizendo que organização dos ambientes determinam a qualidade das relações e das experiências que acontecem ali e que são importantes para que ocorra o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Mas, para isso é necessário que o professor tenha uma escuta sensível para organizar espaços diversificados, com formação de pequenos grupos, para atender as diferentes demandas e proporcionar relações mais intensas entre as crianças e os educadores, além de possibilitar maior capacidade de atenção e de concentração dos pequenos.

Com isso, para que a aprendizagem ocorra de forma prazerosa é necessário que o docente alterne momentos em que propõe uma atividade dirigida para os ambientes diversificados da sala, mas em outros momentos possibilite a individualidade dos pequenos, nas suas escolhas, respeitando-o sem a mediação do docente.

As demarcações do espaço que determinam hábitos da rotina são importantes para as crianças porque as crianças constroem relação de espaço e tempo em que as atividades devem acontecer. O mesmo acontece nos espaços destinados as atividades em grupo, das exposições dos trabalhos, dos livros, dos brinquedos que possibilitam saber os caminhos a percorrer e os momentos disponibilizados para as atividades.

Para que as crianças construam suas orientações sobre as demarcações do espaço Fortunati (2009) explica que são necessários “pontos de referência estáveis” e outros não tão estáveis que possam ser diferenciados e separados por “decorações ou adereços” como os espaços da brincadeira, dos livros. Essa preocupação com os pontos de referência possibilita uma dimensão mais acolhedora e menos dispersa nas atividades propostas.

Ele explica ainda que qualidade do contexto nesses espaços é importante para que haja estímulos, provocações que atendam a interesses das crianças. Por isso é necessário disponibilizar variados materiais simples e recicláveis, visando proporcionar atividades de exploração e de criatividade para os pequenos.

Também é pertinente ter na sala registros das experiências das crianças que serviram de apoio à troca de informações e de conhecimentos entre os professores e a família. Além de possibilitar aos pequenos o reencontro com suas produções e a aproximação e contextualização de histórias das experiências realizadas.

Agostinho (2003) mostra uma preocupação com a ditadura da mesmice encontrada nas escolas de Educação Infantil, no qual possuem “os mesmos espaços e configurações físicas” prejudicando o sentido de pertencimento das crianças, familiares e comunidade em geral. Por isso, o docente precisa ser o diferencial proporcionando um bom espaço que segundo Fortunati (2009, p. 66), seja:

Capaz de abrigar a necessidade de intimidade e de relações diferenciadas e de dizer qual imagem de criança requereu uma organização como também de certificar a presença de múltiplas individualidades que é necessário respeitar, de contar as histórias de afetos e da construção de mundos e de guardar em seu seio a memória para imaginar o futuro.

Sendo assim, a organização do espaço tem que apresentar um ambiente acolhedor que retratam as experiências partilhadas por crianças e adultos.

Porém, há de se pensar: de quem é a responsabilidade de investir na qualidade desses espaços? Quais os entraves encontrados para uma organização de um bom espaço? Essas indagações nos colocam a pensar até que ponto os recursos materiais devem ser responsabilidade do professor e como romper com uma didatização, muitas vezes impostas as escolas, que cada vez mais minimizam o tempo das crianças desfrutarem os espaços diversificados da sala e a sua infância.

A preocupação com a qualidade dos espaços, como indagado acima, nos apresenta um problema atual das instituições. Isso porque os professores encontram obstáculos na organização do espaço de forma a possibilitar diferentes propostas que possibilite uma educação que respeite o direito da criança na infância. Na tentativa de entender quais os entraves que nos remetem a essas indagações, ouviremos as vozes dos professores entrevistados no capítulo seguinte.

## **CAPÍTULO 2 – O OLHAR DOS DOCENTES SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Nesse capítulo apresentamos uma análise das entrevistas que foram realizadas com docentes que atuam na Educação Infantil de uma creche municipal do Rio de Janeiro. O objetivo principal dessa pesquisa foi buscar entender o que esses professores pensam sobre a organização do espaço na Educação Infantil, suas concepções e experiências com relação a esse assunto.

Primeiro exponho como surgiu o interesse pelo tema e como as entrevistas foram desenvolvidas, em seguida apresento quem foram as pessoas entrevistadas e por último trago as falas das mesmas, contextualizando com o que dizem alguns autores que versam sobre a organização do espaço, alguns já citados no capítulo anterior.

### **2.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA**

Buscando compreender melhor como alguns professores têm percebido a importância que tem o espaço e como ele pode ser organizado de maneira que favoreça experiências significativas às crianças da Educação Infantil, busquei ouvir as concepções e experiências de algumas professoras que atuam com esse público. Antes de descrever o perfil das entrevistadas, como foram feitas as entrevistas e como se deu a escolha das professoras entrevistadas, é necessário contextualizar o interesse pelo assunto.

O interesse surgiu durante o estágio obrigatório de Educação Infantil que fiz no grupo de bebês. A maneira como as professoras organizavam a sala me chamava muito à atenção, pois as crianças ficavam livres para explorar os diversos ambientes que a sala oferecia. Ambientes esses que eram organizados ora pelas professoras, ora pelas crianças e que proporcionavam experiências e interações diversas. Enquanto as crianças se espalhavam pela sala interagindo com o espaço e com as outras pessoas que ali estavam, de acordo com o seu interesse, as professoras iam mediando as situações, sugerindo algo que elas tinham planejado, ou não, como a leitura de um livro. Então as crianças que queriam ouvir a história chegavam para perto para ouvi-

la, enquanto outras continuavam brincando em outros cantos da sala.

Por vezes, em outros momentos, as crianças pegavam algum objeto que estivesse disponível na sala e a maneira como ela o manuseava chamava a atenção dos professores e das outras crianças que acabavam entrando na brincadeira, às vezes, era uma caixa de papelão que virava um esconderijo ou um túnel, ora era uma bola e todos queriam jogar. Nessas interações era perceptível o protagonismo das crianças naquele lugar, interagindo, dando significado e forma aquele espaço. Diante dessas situações surgiu o interesse pelo assunto, buscando saber qual é o papel do professor ao pensar a organização do espaço da sala para as crianças, de maneira que esta possibilite experiências significativas às crianças da Educação Infantil.

A motivação para falar sobre o tema se intensificou quando fui convocada para trabalhar em uma creche na rede municipal da cidade do Rio de Janeiro e me deparei com uma sala que só tinha armários, mesas e cadeiras. Diante dessa situação estávamos eu e mais três professoras que chegaram à creche junto comigo, pois fomos convocadas ao mesmo tempo no concurso que fizemos para professor de Educação Infantil. Frente a essa situação comentei com as professoras sobre o tema da minha monografia, e fiquei curiosa para saber o que essas professoras pensavam a respeito da organização do espaço na Educação Infantil. Nessas conversas informais parecia que elas entendiam meu tema de monografia como arrumação do espaço, no sentido fixo que essa arrumação denota e não organização do espaço como elemento mobilizador de experiências das crianças, como componente da ação pedagógica do professor. A partir daí, decidi entrevistá-las para saber com maior profundidade o que essas professoras de fato pensam sobre a organização do espaço na Educação Infantil, especificamente, a sala de referência, que é onde a criança passa a maior parte do seu tempo na instituição e como isso tem acontecido na prática.

As entrevistas foram semiestruturadas e tinha como guia, um pequeno roteiro com perguntas elaboradas por mim e minha orientadora. Foram entrevistadas quatro professoras: duas trabalham atualmente com grupamento de mesma faixa etária e as outras duas, com grupamentos distintos. Os grupamentos são definidos pela faixa etária de cada criança. Todas trabalham na mesma instituição que é uma creche municipal da cidade do Rio de Janeiro



situada na periferia. Escolhi essa creche por ser a instituição onde trabalho, pois seria mais fácil para conseguir entrevistar os docentes.

Apesar de trabalhar na mesma instituição que as entrevistadas, tivemos algumas dificuldades para realizar as entrevistas, pois a jornada de trabalho é longa e bastante corrida, então não possibilita tantos momentos de diálogos entre as pessoas que não estão compartilhando o mesmo espaço. Além disso outro fator que dificultou o encontro para as entrevistas foi que, com exceção de uma das entrevistadas, todas as outras são a única professora do grupo pelo qual são responsáveis. Diante disso, não poderiam deixar as crianças sozinhas para realizar entrevista.

As entrevistas aconteceram dentro da creche e foram feitas nos momentos em que as crianças dormiam, já que a maioria costuma dormir, pois chegam bem cedo à creche e após o almoço demonstram estarem cansadas. Nesse momento eu solicitava alguém que estivesse disponível para ficar com o meu grupo enquanto eu ia até a sala da outra professora para entrevistá-la.

Uma das entrevistas foi realizada depois do expediente, que também não é um momento muito favorável, pois já estamos todos cansados e querendo voltar para casa. Ao explicar o critério de escolha para as entrevistas, todas as participantes aceitaram em contribuir para as mesmas. Como critério busquei entrevistar professores que estivessem atuando na Educação Infantil de grupos diferentes e iguais, para saber como a faixa etária das crianças interferem na maneira de organizar as salas, possibilitando achados diferenciados ou semelhantes. Assim, entrevistei professoras que atuam nos grupos de crianças de 2 a 3 anos, de 4 a 5 anos e de 5 a 6 anos. As entrevistas foram gravadas em smartphone e armazenadas no computador, sendo transcritas por mim, posteriormente.

Apresento a seguir, o perfil das professoras que aceitaram participar das entrevistas:

**Entrevistada 1** – Tem 28 anos, Ensino médio Normal e graduação em Pedagogia. Atua na Educação Infantil há mais ou menos sete anos, atualmente com crianças de quatro anos. Antes de ser convocada pela prefeitura do Rio, trabalhava na prefeitura de Belford Roxo, além de já ter trabalhado em escolas particulares.

**Entrevistada 2** - Formada em Pedagogia com habilitação para as Séries

Iniciais e Gestão. Atua na Educação Infantil há mais ou menos dez anos, atualmente com crianças de quatro a cinco anos na pré-escola.

**Entrevistada 3** - Tem graduação em Pedagogia desde 2004 na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Esse é seu primeiro ano atuando como professora porque tomou posse em 31 de janeiro e está com o grupamento de crianças de cinco a seis anos.

**Entrevistada 4** - Concluiu Ensino Médio Normal no Colégio Estadual Júlia Kubitschek, tem Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Atua na Educação Infantil há dez anos e atualmente trabalha com o grupamento de crianças de dois a três anos.

A seguir trago o quadro que expõe o perfil das entrevistadas.

**Quadro 1**  
**Perfil das entrevistadas**

<b>Professoras</b>	Entrevistada 1	Entrevistada 2	Entrevistada 3	Entrevistada 4
<b>Formação</b>	Curso normal de nível médio; graduação em Pedagogia.	Graduação em Pedagogia com habilitação em séries iniciais e gestão.	Graduação em Pedagogia.	Curso normal de nível médio; graduação em Pedagogia.
<b>Tempo de atuação na Educação Infantil</b>	7 anos	10 anos	5 meses	10 anos
<b>Faixa etária do grupamento que atua</b>	4 anos	4 a 5 anos	5 a 6 anos	2 a 3 anos

Fonte: dados obtidos pela autora nas entrevistas.

A análise dos dados do perfil das entrevistadas demonstrou que todas as professoras possuem graduação em pedagogia, porém, a entrevistada dois relata que sua habilitação é diferente daquela indicada na LDB/96 para atuar na Educação Infantil. Outro dado relevante é que a maioria das professoras tem o tempo de atuação na Educação Infantil maior que cinco anos, com

exceção da entrevistada três que começou atuar recentemente, apesar de ter se formado há treze anos. Essas informações são relevantes para compreender o conhecimento de infância que as entrevistadas trazem consigo.

No quadro a seguir exponho o roteiro utilizado nas entrevistas. São questões relevantes para entender como o professor de Educação Infantil tem olhado para esse assunto, e a importância que ele percebe sobre ter o espaço como um elemento de grande importância para o desenvolvimento das crianças.

## **Quadro 2**

### **Roteiro de entrevista**

- 1- Identificação das entrevistadas, formação, tempo de atuação na Educação Infantil e o grupamento com o qual trabalha atualmente?
- 2- Quando se fala em organização do espaço na Educação Infantil, o que você pensa?
- 3- Como o espaço da sua sala está organizado e por quê? Essa organização é permanente ao longo do ano ou sofre alguma alteração?
- 4- De que maneira você acha que a organização do espaço pode contribuir com boas experiências para as crianças da Educação Infantil?
- 5- Do seu ponto de vista, qual é o papel do professor com relação à organização do espaço na Educação Infantil?

## **2.2 DIALOGANDO COM OS PROFESSORES SOBRE SUAS CONCEPÇÕES E PRÁTICAS EM RELAÇÃO A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO**

Devemos pensar que diversos fatores influenciam nas concepções e experiências, e como essas professoras desenvolvem suas práticas pedagógicas no dia-dia do seu trabalho com e para as crianças. A formação, a concepção de educação infantil e de seu papel como professor, o tempo de atuação com essa etapa da educação básica, a influência e o suporte que a gestão da instituição onde elas trabalham oferecem, são alguns fatores que podem implicar na maneira como esses docentes percebem a organização do

espaço na Educação Infantil e como essa organização é trabalhada por essas professoras.

Ao olharmos para os dados construídos a partir das entrevistas e dialogando com os autores, organizamos quatro categorias que exprimem as concepções e práticas dos professores pesquisados. São elas:

- 1) O espaço como provocador e mobilizador de experiências X o espaço como controlador e marcador da rotina;
- 2) A relação entre o espaço arquitetônico (o espaço físico) e o espaço construído (espaço como lugar);
- 3) Fatores que inspiram a organização do espaço;
- 4) A (falta de) autonomia do professor na organização do espaço.

Passamos a discutir cada uma delas:

### **2.2.1 O espaço como provocador e mobilizador de experiências X o espaço como controlador e marcador da rotina**

Apesar desse trabalho buscar direcionar o foco para a organização da sala de referência na Educação Infantil, não deixei isso claro no momento das entrevistas, apenas questionei sobre a organização do espaço na Educação Infantil, contudo, as entrevistadas mencionaram apenas sobre a organização do espaço da sala onde as crianças passam a maior parte do dia.

Percebemos, nas falas das entrevistadas, que existe a preocupação com a maneira que o espaço está organizado e da nova concepção de infância que os documentos oficiais trazem, porém fica visível que o espaço ainda não é entendido como um outro educador e que o mesmo é construído coletivamente pelos sujeitos que ali convivem. Outro aspecto que chamou a atenção foi que a figura do professor ainda aparece como o que determina na maioria das vezes a maneira como as atividades serão encaminhadas, distanciando-se da concepção de que as crianças são sujeitos que participam do planejamento e fazem escolhas conforme suas demandas e necessidades, sendo protagonistas no seu processo de aprendizagens. Segundo Guimarães (2006,

p. 69):

Se prefixarmos tudo, dizendo sempre o que as crianças vão fazer, usando o planejamento como antecipação, já sabemos sempre onde as ações vão chegar. Conseqüentemente, diminuimos as possibilidades expressivas (as crianças não sentem que suas produções têm escuta e apoio).

O espaço pode se transformar em um lugar de desenvolvimento de múltiplas habilidades e sensações com sua riqueza e diversidade desafiando de maneira permanente aqueles que o ocupam. Esse desafio acontece pelos símbolos e pelas linguagens que o transformam e o recriam continuamente, como ressalta Barbosa (2006). Essa mesma autora alerta que o espaço também pode funcionar como um lugar de vigilância ou de controle. Isso acontece quando ele é pensado para disciplinar os corpos e as mentes. No caso das crianças pequenas, como já foi mencionado anteriormente, essa tentativa de disciplinarização acontece muito quando o espaço da sala é tomado de mesas e cadeiras, obrigando-as a passar maior parte do dia limitadas, por não explorarem livremente esse espaço de acordo com as suas vontades.

Na tentativa de entender as maneiras de utilização do espaço citadas por Barbosa (2006), questionei as entrevistadas sobre o que elas pensavam quando se falava em organização do espaço. A entrevistada 2 apresentou em seu relato uma preocupação de que a sala seja um espaço que ofereça autonomia para a criança possibilitando a exploração do que os cantos ou ambientes lhe oferecem, como apresentado a seguir:

“Olha, eu acho assim, a sala ela tem que estar com as coisas assim, dispostas de forma que a criança possa ter autonomia de acessar livros, acessar brinquedos, acessar as coisas de uma forma mais autônoma. Não só é..., esperando o professor. Então assim, tem que ter aqueles espaçozinhos para que as crianças possam trabalhar em grupos, para que possa ver o melhor desenvolvimento deles de modo geral. Então a sala tem que estar adaptada a isso, a questão de desenvolver na criança além da questão de trabalhar junto, a questão da autonomia.”

Essa fala nos faz pensar em espaço que mobilize experiências com as linguagens, brincadeiras, interações e que seja potencializador dessas

experiências, onde as crianças sejam livres para explorá-lo. Em contrapartida, em uma das respostas para a mesma pergunta, traz um entendimento de um espaço disciplinador, controlador do corpo e das ações.

“ (...) eu acho que a sala de aula, principalmente na Educação Infantil ela tem que ter seus cantinhos, ela tem que ter um espaço para as crianças, ela tem que ser ampla é...Parte da organização de ter um momento onde as crianças ficam sentadas aqui (nas cadeiras) que a organização é assim, tem o momento da rodinha que é até desenhada no chão, um círculo para que as crianças se situem e as mesas para serem utilizadas em algumas atividades. Isso auxilia bastante.”

(Entrevistada 2)

Ao mesmo tempo que a entrevistada diz que a sala tem que ter os cantinhos e que a mesma deve ser ampla, parece que a proposta de se trabalhar com os cantinhos se perde no momento em que é percebido que o professor vai definindo em que momento as crianças devem explorar cada canto, como uma demarcação da rotina (momento da rodinha, momento em que ficam sentadas nas cadeiras), um círculo desenhado no chão onde a rodinha deve ser feita. Essa maneira de organização não privilegia as competências das crianças para se movimentarem, fazerem suas escolhas e participarem da arrumação dos ambientes.

Dentro da perspectiva da pedagogia da educação infantil, a menor centralidade do adulto não diminuirá a sua importância, pois o papel principal do professor é organizar as oportunidades sem se prender a resultados predeterminados. É necessário mais formações continuadas para que esses profissionais da Educação Infantil possam refletir sobre sua atuação, para que haja mudança no papel do professor dessa modalidade da educação.

A organização do espaço aparece também como um fator determinante no encaminhamento da rotina dos grupos. Vejamos a seguinte fala da entrevistada 1:

“Bem, essa organização aqui já ajuda bastante porque na rotina mesmo elas já sabem o que têm que fazer, quando elas chegam já sabem onde pôr os chinelinhos, elas já sabem que têm que entrar, sentar, tirar o sapatinho, colocar o chinelo e sentar na rodinha. Então essa organização já dá uma noção de organização até para a própria criança, elas já sabem onde se direcionar, então é muito mais prático do que se você tivesse uma sala muito pequena onde não tivesse esse tipo de

organização proposta, que essa organização não foi proposta pela gente e sim pela Secretaria Municipal de Educação, é...., mas que vem auxiliando bastante. As crianças, elas se adaptaram muito mais rápido e pela experiência que eu tenho de Belford Roxo as crianças de Belford Roxo demoraram a se adaptar, a sala era bem menor do que essa que eu estou. Se eu fosse pra uma outra escola e me falassem olha você tem liberdade, você pode fazer o que você quiser da sua sala, eu iria fazer o que essa prefeitura me propõe, que é bem melhor, eles têm mais liberdade e as crianças desenvolvem mais rápido.“

O espaço é um elemento da rotina, ele pode auxiliar na autonomia da criança fazendo com que a mesma se situe no tempo e entendam como os professores ou mesmo os gestores estruturaram as atividades diversas que vão acontecendo no decorrer do dia. A rotina transmite segurança às crianças por saberem que, após uma determinada tarefa, acontecerá outra que rotineiramente já está prevista na organização do tempo e dos espaços da instituição.

Para Warschauer (apud BARBOSA, 2006, p. 107)

(...) a rotina envolve a disciplina, a sistematização e a organização, é pelo seu uso que o tempo e o espaço estruturam-se para a criança. Ela fica sabendo que a manhã começa com a hora da roda, que depois de lavar as mãos é hora do lanche, que no final do turno de trabalho é preciso fazer a arrumação das mesas e dos materiais – assim a criança sabe o que fazer, como proceder, para onde ir, etc.

Porém, a mesma autora explica que a rotina não precisa ser fixa, rígida ou restritiva, pois acaba se tornando mecânica e sem sentido para as crianças.

Barbosa (2006) diz que pelos discursos dos educadores brasileiros de gerações diversas a respeito da rotina, foi se constituindo um discurso de flexibilidade, de instrumento de apoio ao trabalho e não de regulação, de integração entre as experiências prévias das crianças. Nem sempre na hora do sono todas as crianças estarão com sono, no momento da rodinha algumas crianças poderão não estar interessadas em participar da conversa ou da contação de história, poderão estar interessadas em fazer algo diferente. Talvez seja interessante que a rodinha aconteça em outro momento do dia e não sempre no início do dia, porque não no final do dia? As crianças poderão gostar de falar sobre suas vivências daquele dia.

Por vezes, fazer algumas modificações na rotina pode ser interessante para o grupo, o imprevisível também faz parte da aprendizagem e pode ser prazeroso surpreender as crianças com essas mudanças, mesmo que sejam pequenas. Arenhart (2012) nos faz lembrar que as crianças, muitas vezes, gostam de fazer diversas vezes as mesmas coisas. Apoiada em Sarmiento (2004), a autora define essa mania das crianças como reiteração, pois para as crianças, essa repetição das situações permite que elas as recriem e inovem essas experiências, assim também deve ser pensada a rotina para as crianças, como algo que elas farão repetidas vezes, mas que estará acontecendo de maneiras diversas, basta o professor ter um olhar sensível às interações das crianças e oferecer oportunidade para isso.

As interações das crianças com o espaço não é algo previsível, o trabalho com cantos de experiências criadas nas salas não objetiva determinar o que cada criança tem que fazer naquele canto, tampouco, escolarizar as crianças pequenas. Contudo, muitas vezes, essa proposta de organizar a sala em cantos de experiência, disponibilizando materiais diversos para que as crianças tenham livre iniciativa de os explorarem a partir da brincadeira e de suas interações, acaba incorrendo nesse tipo de compreensão e prática (do controle das ações das crianças), como se evidencia no relato a seguir:

“Eu acho que a organização do espaço, ela facilita a compreensão pra criança, o que a gente vai fazer naquele espaço e naquele momento. Tem o cantinho da história tem o cantinho da matemática, você faz cantinhos e ele já vai para aquele cantinho sabendo o que vai fazer. Então assim, se ele tá num cantinho pra brincar com determinado brinquedo ele já se posiciona e já sabe como vai fazer. Meio que orienta o trabalho que ele vai fazer entendeu? Que ele vai ter que fazer em cada canto.”

(Entrevistada 3)

“Além de ser relacionado com a rotina, que você pode desenvolver no caso a rodinha, é...., tem a chamadinha, tem o calendário, eu acho que contribui porque auxilia na aprendizagem. Porque a criança ver aquilo ali todo dia, a criança se relaciona, a criança participa. Ali tem formas dela ver como tá o tempo, então ela brincando aprende sobre essas coisas, sobre os números que estão expostos, até as letras ela percebe que aquelas letras ali fazem parte do mundo que ela está inserida.”

(Entrevistada 4)



As crianças têm uma imaginação criativa e a todo tempo ressignificam os espaços, materiais e objetos com os quais estão em contato. As crianças podem utilizar os livros do cantinho da leitura não somente para ler, os livros podem se transformar em casas quando abertos e apoiados em algum lugar, ou mesmo pontes por onde os bonecos e carros podem passar por baixo ou por cima, os varais de livros podem servir para pendurar roupas e assim por diante, dependendo do que a criança achar melhor naquele momento de interação.

De acordo com Agostinho (2003), as crianças vão deixando suas marcas no espaço, elas demonstram que existem outros jeitos de se relacionar com o espaço, para além do convencionalmente instituído, elas vão inventando, inovando, encontram novos jeitos de se relacionar “com seus objetos e pessoas, sua organização, dando outros sentidos; tapetes se transformam em lagoa, mar, piscina; caixas por vezes são carros, ônibus, casinha; lixeiros viram chapéus, máscaras; colegas tornam-se mãe, pai, filhinha, irmã, professora.” (AGOSTINHO, idem, p. 8)

Para que o espaço seja provocador e mobilizador de experiência ele deve transparecer não somente as vontades dos adultos, ele deve transparecer a criação e recriação dos professores e crianças que habitam o lugar, suas expressões e sentimentos. Um espaço que ajude as crianças a se orientar no tempo e entender a rotina é importante, mas que não seja tido apenas para controlador e marcador da rotina, já que é necessário que esta seja flexível e ofereça boas vivências conforme as demandas que forem surgindo.

### **2.2.2 A relação com o espaço arquitetônico e o espaço construído**

Sabemos que muitas escolas, muitas creches enfrentam a dificuldade de oferecer um espaço de qualidade para as crianças, um espaço com uma estrutura que se adeque as demandas da quantidade de crianças por turma, que seja favorável às necessidades das crianças e adultos que lá habitam por tantas horas diárias. Espaços arquitetônicos que são projetados sem pensar na relevância do contexto de cada instituição com modelos padronizados. Diante desse problema, se torna comum as queixas dos profissionais sobre não ter espaço ou o espaço não permitir determinadas criações ou situações.

Barbosa (2006), diz que, em sua pesquisa, observando as escolas públicas brasileiras, uma das coisas que mais lhe chamou a atenção foi o fato de haver uma grande quantidade de crianças e adultos por sala, faltava espaço para organizar diferentes cantos nas salas, assim não favorecia o trabalho diversificado. Ela percebeu que, por haver muitas pessoas, os sons e as conversas que acompanham as brincadeiras acabavam criando um ambiente agitado.

A entrevistada 3 relata a necessidade de uma sala ampla e com mobiliário e material adequado ao tamanho das crianças, pois o seu grupo é composto por vinte e cinco crianças. Ela diz também que a limitação do espaço não permite a construção de cantos de experiências para as crianças e que sente falta de um banheiro dentro da sala. Não ficou claro na entrevista, mas uma das normas da instituição é não permitir que as crianças tenham acesso ao banheiro sem o acompanhamento de um adulto. A sala desse grupo é a que fica mais distante do banheiro, então ela diz que, por não ter auxiliar, tem que escolher um momento para levar as crianças todas juntas ao banheiro.

“Eu penso o espaço organizado com mobiliário, com material tudo adequado ao tamanho deles. Banheiro dentro de sala de aula pra não ter que andar um corredor extenso para ir ao banheiro porque numa turma de cinco anos você não tem auxiliar, então ou você fica na sala com eles, ou você tem que levar todo mundo pro banheiro ou você tem que deixar ir sozinho ao banheiro e é um corredor distante. (...)”

“(...) um espaço adequado ao tamanho de mais ou menos vinte e cinco alunos dessa faixa etária dentro da sala de aula, não um espaço pequeno, um espaço que as vezes você não consegue fazer os cantos direito, é um espaço um pouco limitado e um pouco apertado pra esse quantitativo.”

(Entrevistada 3)

A fala acima também expõe uma preocupação com o espaço arquitetônico, nesse caso um espaço que limita as possibilidades de se tornar um lugar de infância. O espaço físico não é neutro, não é apenas um lugar para receber os sujeitos, mas um elemento importante que, por meio da sua organização, pode influenciar a qualidade das relações e experiência que ocorre em seu interior, como reforça Fortunati, (2009).

Problematizando o espaço de uma sala pequena com mobiliários, dentre eles uma mesa para o docente, acaba por não favorecer a construção de

cantos ou ambientes diferenciados. É possível refletir sobre o que é necessário estar ocupando esse espaço fisicamente. Diante da limitação de espaço a entrevistada 3 diz como a sua sala está organizada, enfatizando novamente a limitação do espaço.

“Então, o espaço está organizado... eu tento fazer cantos, só que a minha sala é uma sala muito pequena e estreita, você não consegue fazer os cantos de forma adequada. Você tem três jogos de mesas, mais uma mesa pequena de professor, mais uma estantezinha com a televisão, mais o seu armário e eu não consigo fazer os cantos muitos certinhos. Então eu uso o que? Eu uso a roda, uma mesa para uma atividade, divido as três cada uma (mesa) com uma atividade pra fazer e fica a roda do chão pra brincar e a gente vai trocando, vai revezando. Aí eu fiz um varal de livros porque não tem como fazer um canto, que aí tem o canto que ficam os colchonetes que é uma sala muito apertada, não dá pra limitar os cantos certinhos. Então assim, de acordo com o dia, com o que eu vou fazer, eu uso mais a roda e as mesas que fazem os lugares dos cantos, e eles vão se aproximando que é passagem, fica muito perto da passagem, muito perto da mesa, é um pouco estreito, não dá pra fazer o canto certinho pra ter uma orientação melhor entendeu? Não dá.”

Nesse caso poderia pensar na redução de alguns mobiliários, o número de mesas e cadeiras poderia ser reduzido, é necessário mesmo ter uma mesa para o professor? Eliminando algumas mobílias como essas, ampliaria o espaço e permitiria uma melhor locomoção para todos na sala. Uma nova organização do espaço poderia ser feita incluindo as sugestões das crianças. Por outro lado, podemos pensar sobre a autonomia dessa professora para modificar o espaço de acordo com as necessidades do grupo. Sobre isso, abordaremos mais adiante em outra categoria.

O espaço, para que ele se transforme em lugar, ele tem que ser construído pelos sujeitos que o habitam, como já foi dito anteriormente através de Agostinho (2003). O mesmo deve ser flexível e móvel para atender as demandas de seus habitantes. Falamos o tempo inteiro nesse trabalho sobre espaço, mas um espaço com sentido de lugar – lugar de brincadeiras, lugar de fazer amigos, lugar de experiências, lugar de ser feliz. Por isso, Agostinho (2003), diz que é preciso perceber as indicações que as crianças nos dão para que possamos efetivamente tornar esses espaços em lugares onde elas usufruam sua infância.

Agostinho (2003) ressalta ainda que, sendo o brincar a atividade essencial da infância, é preciso salientar a importância de planejar e organizar o espaço da creche de forma que as crianças pequenas tenham o seu direito à brincadeira. Mas para isso é importante ter um cuidado com o que vai disponibilizar e a quantidade. Diante disso, muitos e variados brinquedos, sendo esses acessíveis, inteiros, limpos, com cores, texturas e tamanhos diferentes e que sejam disponibilizados de forma criativa e convidativa.

Mas o que será que tem inspirado os professores na organização do espaço/sala? Na próxima categoria veremos o que tem influenciado a organização da sala dos grupos pelos quais as entrevistadas são responsáveis.

### **2.2.3 Fatores que inspiram a organização do espaço**

Após realizar as entrevistas e refletir sobre as respostas, surgiu a necessidade de ter incluído uma pergunta que seria de extrema importância para entender algumas falas. Talvez se as professoras tivessem sido questionadas sobre o que as inspiram a organizar as salas de referências teríamos um melhor entendimento e mais precisão sobre esse aspecto. Porém, ainda que não foi feita essa pergunta de modo mais direto no momento da entrevista, ficaram evidentes alguns fatores que influenciam na maneira como as salas dos grupos dessas professoras têm sido organizadas.

De acordo com vários autores discutidos nesse trabalho BARBOSA, (2006); AGOSTINHO (2003); FOTUNATI (2009); GUIMARÃES (2006), mais importante do que predeterminar o que a criança precisa, é entender por meio das relações e interações os indicadores que as crianças vão mostrando no dia-dia com suas vivências. Por meio dessas indicações o espaço vai sendo construído e se tornando lugar.

Nesse sentido, é importante que se disponibilize materiais diversos como brinquedos, tintas, tecidos, argila, papéis, pincéis, caixas de papelão entre outros. O manuseio desses materiais vai permitir que as crianças façam suas construções e permitam as suas expressividades que são imprescindíveis para compor o espaço e sua apropriação.

A participação das crianças nesse processo permite que elas se sintam parte do lugar e se apropriem do mesmo. Quando é feita a pergunta sobre

como o espaço de “sua” sala está organizado, a entrevistada 1 diz que:

“A organização assim, física, é... Ela já estava aqui. As mesas, a rodinha é algo que não muda, não vai mudar, mas a organização da parte, como eu posso dizer..., decorativa, ela vai mudando conforme o tempo. A gente utiliza a chamadinha que é onde ficam os quadros, tem os varais com as atividades. Cada vez que a gente vai fazendo as atividades, que as atividades aqui são todas em grupos, a gente quase não utiliza folhinhas, então toda vez que a gente utiliza as atividades em grupo, principalmente cartaz, é... Isso vai modificando, a gente bota no varal. Esses varais eles são modificados sempre semanalmente, mas as mobílias não, elas são permanentes, não mudam.”

“(...) essa organização não foi proposta pela gente e sim pela Secretaria Municipal de Educação, é..., mas que vem auxiliando bastante. As crianças, elas se adaptaram muito mais rápido e pela experiência que eu tenho de Belford Roxo as crianças de Belford Roxo demoraram a se adaptar, a sala era bem menor do que essa que eu estou. Se eu fosse pra uma outra escola e me falassem olha você tem liberdade, você pode fazer o que você quiser da sua sala, eu iria fazer o que essa prefeitura me propõe, que é bem melhor, eles têm mais liberdade e as crianças desenvolvem mais rápido.”

Nessa fala a professora relata que a organização da sala é determinada pela Secretaria Municipal de Educação, então ela se mantém da mesma forma desde que a professora chegou na creche. Ela conta que o que muda é o que ela chama de parte decorativa, que são os cartazes confeccionados junto com as crianças. Dessa maneira percebemos, então, que pouco as crianças participam da organização desse espaço. Já a entrevistada 2, entende que a organização do espaço não é algo fixo:

“A organização vai sofrendo alterações, até porque esse ano no meu caso eu estou numa creche que começou a atender essa turma esse ano (pré-escola) e a sala não tinha nada. Então a gente veio trazendo algumas coisas e ainda faltam muitas coisas ainda na sala, mas geralmente durante o ano você vai mudando algumas coisinhas, tirando outras. A sala sempre está em movimento, não tem uma coisa estática.”

O espaço vai estar sempre em construção. A organização não é algo fixo. As situações diversas do cotidiano do grupo vão transformando dia após dia o espaço e assim ele se torna mutável. É muito comum o assunto sobre a organização do espaço ser entendido como o que tem naquela sala, os

materiais físicos, as mobílias, cartazes que ficam expostos, chamadinhas, janelinha do tempo e isso apareceu diversas vezes nas vozes das professoras que foram entrevistadas.

Chamadinha, janelinha do tempo, murais com datas comemorativas, calendário são adereços muito comuns nas salas de educação Infantil. Será que esses materiais são elaborados diante das necessidades das crianças, ou são apenas usados como conteúdo que são reproduzidos todos os dias, com o intuito de que as crianças aprendam por meio da repetição das atividades que são feitas com o uso desses materiais?

A entrevistada 3 diz que vai organizando tentando fazer cantos, um canto para os brinquedos, outro para os jogos:

“Bom, eu acho que é organizar de uma forma que consiga melhor ajudar pra que eles usem aquele espaço. Aí tem o canto dos jogos, aí você vai organizar tudo em um canto, aí brinquedo no outro canto, vai fazendo assim. Eu uso mais cantos e o meio da roda, então você já bota ali e eles já sabem mais ou menos do que vai brincar dali. Se é o bloco, aí você vai procurar um espaço pra colocar o bloco, letrinhas, o outro, um joguinho...você já vai organizando porque senão fica tudo para brincar com uma coisa que não é. Não que não se possa fazer uso de outro brinquedo, mas aí não é a finalidade.”

Fica entendido então que é uma organização feita pela professora, visando o trabalho com cantos de experiências. Contudo, dá a impressão de que os cantos são para evitar “bagunça” na sala, parece que já está predeterminado o que as crianças vão fazer em cada canto, dizendo como elas devem usar/manusear os materiais e brinquedos.

Há um momento em que uma das entrevistadas diz que o espaço é do professor, porque o mesmo vai adaptando esse espaço à sua maneira de trabalhar:

“O professor, eu acho né, que aqui ele tem o papel de orientar e sinalizar, organizar primeiro né, ele tem que organizar porque o espaço é dele. Não adianta você querer entrar num lugar que já está organizado que você vai acabar adaptando pro seu jeito de trabalhar e essa organização ensina para as crianças orientar elas, como que elas têm que fazer, porque eles vão ver a sala, vão ver aquela organização e não vão saber se eu não falar, então o professor tá ali pra orientar e explicar, mostrar para a criança qual é o caminho que devagar elas vão se desenvolvendo e sozinhas mesmo depois elas já vão fazer o

que tem que fazer na rotina”

(Entrevistada 1)

O espaço, quando entendido como lugar, é algo do coletivo, de todos que fazem parte do grupo, nesse caso, a sala de referência. O espaço e os materiais são de uso comum, pertencem ao grupo e não somente aos adultos. Por isso, incluir as crianças para que elas se sintam responsáveis pelo cuidado com o espaço e materiais, são aprendizagens importantes que ajudam com a cooperação e construção de um ambiente agradável.

A entrevistada 3 diz que o espaço deve ser organizado de acordo com as crianças, com as necessidades do grupo, mas por outro lado ela traz uma perspectiva de controlar as ações dos pequenos, vejamos a fala da entrevistada:

“Eu acho que é conhecer a criança e organizar esse espaço de acordo com essas crianças, com o seu grupo, porque pode ter a necessidade do grupo não ter o alfabeto na parede, pode ter a necessidade de trabalhar uma cor específica, pode ter a necessidade de colocar mais alto ou mais baixo de acordo com as crianças, de ter mesa ou não, do material ser exposto ou não tão exposto, dos brinquedos também estarem mais disponíveis, como você vai colocar o brinquedo que ele vai acessar sempre, o brinquedo que não pode, os livros. Então eu acho que é fundamental o papel do professor nessa organização.”

(Entrevistada 4)

Nesse caso, ela tem conhecimento de que a organização vai se constituindo a partir das necessidades das crianças, mas que o professor é quem determina como vai ser conduzida, se pode ou não ter acesso aos brinquedos, onde vai pôr determinadas coisas. Os ambientes marcados por restrições, organizações rígidas e que as atividades são sempre conduzidas pelos adultos, tornam as crianças mais passivas, silenciam as expressões e vontades dos que realmente deveriam ser os protagonistas no processo de aprendizagem.

Para (OLIVEIRA et al., 2012) o professor deve permitir que as crianças, em seu protagonismo, circulem e explorem os espaços com segurança e confiança, sem depender exclusivamente dele para ter acesso aos materiais e brinquedos. Nessa relação com o espaço e seus pares, as crianças vão

construindo experiências significativas para elas. O papel do professor na organização do espaço é justamente torná-lo convidativo para que as crianças se sintam estimuladas a explorá-lo.

#### **2.2.4 A (falta de) autonomia do professor na organização do espaço**

O modo como as salas estão organizadas nas instituições de Educação Infantil geralmente são sugeridos pela coordenação ou direção das creches que obedecem a orientações da secretaria de educação de seu município ou estado. Como relatado pela entrevistada 1:

“(...) essa organização não foi proposta pela gente e sim pela Secretaria Municipal de Educação (...)”

O fato da Secretaria de Educação sugerir a organização do espaço não quer dizer que o professor precise utilizar o espaço como indicado por ela. Mas se for algo determinado pela coordenação ou direção, fere a autonomia do professor e, conseqüentemente, prejudica o desenvolvimento integral das crianças por não se sentirem pertencentes aquele lugar.

A maneira como os docentes constroem os ambientes da sala deveria levar em conta o conhecimento que ele tem sobre o grupo de crianças, pois o espaço ajuda na construção do sentimento de pertencimento das crianças a determinado lugar, por isso, não deve seguir a indicação de outros que não estejam vivenciando o dia a dia da sala.

A construção dos ambientes tem se mostrado um desafiador para os professores devido à falta de recurso financeiro para investir em materiais que possibilitem a construção de cantos como o da fantasia, da leitura visando enriquecer o repertório das crianças, proporcionando diversidade de exploração e criação.

Diante dessa realidade a criação de ambientes na sala está ligada também a disponibilidade dos adultos na busca por materiais e a preocupação com a mobilidade do espaço. Nesse caso, a organização da sala sofre mudanças porque os professores exercem sua autonomia para realizá-las, bem como nas escolhas dos materiais no decorrer do ano, como mencionado a



seguir pela entrevistada 2:

“(…) estou numa creche que começou a atender essa turma nesse ano e a sala não tinha nada. Então, a gente veio trazendo algumas coisas e ainda faltam muitas coisas ainda na sala, mas geralmente durante o ano você vai mudando algumas coisinhas, tirando outras. (…) quando eu cheguei já tinha algumas coisinhas e outras eu fui agregando. E a outra professora que dobra comigo também traz algumas coisas, mais ainda não está do jeito que tem que estar, né? Ainda falta alguma coisinha.”

Porém, isso não acontece em todos os grupos, como pode ser percebido no relato de uma das entrevistadas que expõe a falta de autonomia que têm sobre a organização do espaço. Isso porque a organização foi determinada por outros adultos que acompanham as crianças nessa sala, como apresentado na fala da entrevistada 4.

“A organização da minha sala é permanente e ela já estava organizada quando eu cheguei, porque haviam outras professoras na sala e existem agentes de Educação Infantil que trabalham nessa sala há muito tempo. Então, a rodinha tem um local específico pra ser feito, tem um local que tem o cantinho da matemática onde tem números, cores, o alfabeto, chamadinha, tudo isso e já estava arrumado antes de eu chegar.”

O relato nos mostra a falta de autonomia das professoras iniciantes sobre a organização desse espaço. Mas nos coloca a pensar quais razões impedem as novatas de romperem com essa ideia de que uma exerce poder superior a outra, porque se ambas são docentes não deveria haver hierarquização entre elas.

Nesse caso a docência compartilhada é um desafio a ser enfrentado, essa é uma especificidade que marca a docência na educação infantil. A autonomia do professor deve ser reivindicada, no sentido da autoria pedagógica, sobretudo, em relação aos ditames que vem das instâncias superiores, como a Secretaria Municipal de Educação ou mesmo a direção da escola. Mas também se trata de exercer o diálogo, a troca, a negociação e tudo o que envolve a complexa e potente experiência de compartilhar a docência com outro profissional, para pensar e fazer um trabalho que seja coletivo e, ao mesmo tempo, que garanta a expressão da individualidade do professor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse trabalho pudemos reforçar a importância sobre a organização do espaço na Educação Infantil, dando destaque para as salas de referências que é onde as crianças costumam ficar a maior parte do tempo quando estão nas instituições de Educação Infantil. Nessa organização, destacamos a importância da participação das crianças.

Tornar o espaço da sala de referência em um ambiente desafiador e interessante para as crianças, não é uma tarefa fácil, na verdade, é algo desafiador para o professor, pois existem diversos fatores que podem dificultar a operação desse trabalho. Enfatizamos alguns fatores ao problematizar as entrevistas, como a falta de recursos materiais, se o professor tem autonomia para fazer as modificações necessárias ou mesmo a limitação do espaço arquitetônico que não favorece esse trabalho.

Porém, o mais importante é que o docente tenha um olhar sensível para com as crianças, pois o mais importante é saber ouvi-las, é observá-las e por meio de suas diferentes formas de se expressar o professor vai perceber suas necessidades e construir junto com elas um espaço acolhedor, seguro e potencializador de experiências para as crianças.

Lembrando que as crianças são sujeitos que produzem cultura, sendo assim, Agostinho, (2003, p.14) ressalta que “ seja dada ou não a vez para que as crianças participem da organização do espaço, elas o modificam. Com toda a sua inventividade, imaginação, autenticidade, originalidade, novidade, ludicidade imprimem no espaço seus saberes, sensibilidades e vontades. ”

Percebemos mediante as entrevistas que, nas vivências dessas professoras é o adulto que organiza o espaço e decide como as crianças devem explorá-lo. Dessa forma, a organização do espaço não é percebida como algo que vai sendo construído ao longo do tempo com as crianças.

A maneira como o espaço é organizado e trabalhado pela maioria das entrevistadas sugere um controle sobre as ações das crianças, o que limita as interações e brincadeiras que são os eixos principais na Educação Infantil. A preocupação com esses indicativos que as entrevistas nos deram, demonstra a necessidade de outras pesquisas que contemplem um número maior de professores e um roteiro acrescido de outras perguntas como: “A partir de que

são pensadas as mudanças na organização do espaço? ” Ou, “As crianças participam da organização do espaço? De que maneira?” Observar a prática das professoras, bem como a forma como as próprias crianças usam e sugerem possibilidades para a organização do espaço, pode também ser um caminho interessante para futuras pesquisas, no sentido de superar os limites da entrevista e aprofundar a observação sobre a relação direta que esses sujeitos estabelecem com os espaços.

O debate desse tema nos cursos de formação inicial e continuada é de grande importância, para que o espaço seja compreendido em sua dimensão educativa e pedagógica, como um terceiro educador e, ao mesmo tempo, o quanto revela pedagogias muito diretivas e que pouco consideram os direitos e potenciais das crianças.

## REFERÊNCIAS:

AGOSTINHO, Kátia A. *O espaço da creche: que lugar é este?* Dissertação (mestrado em Educação) PPGE-UFSC, 2003.

ARENHART, Deise. *Entre a favela e o castelo: efeitos de geração e classe social nas culturas infantis*. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação – UFF, 2012.

BARBOSA, Maria C. S. *Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil*. Porto Alegre: Atmed, 2006.

BRASIL. Constituição (1988). Brasília, DF.

BRASIL. Ministério da Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 5, de 17 de Dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: CNE, 2009.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. *LDB - Lei nº 9394/96*, de 20 de dezembro de 1996.

CERISARA, Ana Beatriz. *Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil?* Revista Perspectiva. Florianópolis/SC, v. 17, n. Especial, p. 11 – 21, jul/dez 1999.

FORTUNATI, Aldo. *Espaço e decoração: Os fundamentos contextuais do planejamento educacional*. A Educação Infantil como projeto da comunidade: crianças, educadores e pais como novos serviços para a infância e a família: a experiência de San Miniato. Porto Alegre: ArtMed, 2009.

GUIMARÃES, Daniela. *Educação Infantil: espaços e experiências*. In: Salto para o Futuro. O cotidiano na Educação Infantil. Boletim 23, novembro de 2006.

OLIVEIRA, Zilma R. (org). *O trabalho do professor na Educação Infantil*. São Paulo: Biruta, 2012.

TIRIBA, Lea. *Educação e vivência do espaço: Diálogos entre a Arquitetura e a Pedagogia*. In: Salto para o Futuro. O corpo na escola. Ano XVIII, boletim 4, abril de 2008.

